

DESNATURALIZAR O OLHAR: MODOS DE VER E SE RELACIONAR COM AS IMAGENS A PARTIR DE ALGUMAS EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO

Rosenara da Silva Soares Maia
Angélica Neuscharank

Resumo: O presente artigo compartilha algumas experiências advindas de um estágio curricular, onde fui movimentada por questões relacionadas aos modos de ver e sermos vistos, nos contextos educacionais em que estava inserida. Tais movimentos foram traçados a fim de pensar o DESnaturalizar do olhar e das imagens a partir de visualidades provenientes das redes sociais e trabalhadas nas aulas de artes. Operei com os conceitos de processos de subjetivação e de imagem, de autores como Félix Guattari (2000), Michel Foucault (2014) e J. W. T. Mitchell (2008), que contribuíram para o que vinha pensando em torno dos estudos da cultura visual Hernández (2013).

Palavras-chave: desnaturalizar, cultura visual, imagem, subjetividades.

Da escolha do tema aos encontros

Em um primeiro momento, escolho por trabalhar os modos de ver a arte na educação escolar enquanto processo de subjetivação e como movimento de pensamento, que encontra nos estudos da cultura visual, possibilidades para pensar outras imagens que não só as da história da arte, mas também aquelas presentes na mídia televisiva, nas redes sociais, em filmes, clipes musicais, etc. Desta forma, meu projeto foi pensado a partir da perspectiva da cultura visual, e a partir dos estudos contemporâneos da imagem enquanto processo de subjetivação do sujeito. Interessando-me investigar importância do ver e ser visto na sociedade atual, este outro modo de nos aproximarmos e nos relacionarmos com uma imagem, bem como, pensar no que estas proposições podem afetar a educação das artes visuais.

As práticas pedagógicas que foram compartilhadas nesta escrita, ocorreram no decorrer da disciplina de estágio curricular, em uma turma de 8º ano do ensino fundamental, em uma escola pública, com encontros semanais de 90 minutos. Nestas inserções fui compondo com os autores, problematizações que movimentassem as formas de ver e as possibilidades de trabalhar as imagens diante de sua suposta banalização, isto é, o uso da imagem enquanto ilustração da escrita, da representação de

ideias, e de contemplar um significado a ser decifrado (o que o artista, autor quis dizer?).

Nesse contexto, propus dialogarmos nas aulas de artes, algumas imagens que circulavam nas redes sociais do *Facebook* eram compartilhadas pelos estudantes, para que pudéssemos tê-las como dispositivos, produzir algo, acionar o pensamento, visto que, “as pedagogias culturais permitem incorporar problemáticas que estiverem fora da área de interesse da educação escolar” (Hernández, 2013, p. 90), e potencializem os efeitos que as várias informações produzem nos estudantes, o modo como participam da construção das suas subjetividades.

Também trabalhamos com reportagens oriundas da Internet, as quais produziram outras atividades e discussões de grande relevância. Quanto às produções manuais, elas nem sempre foram executadas, porque inúmeras vezes nos detivemos as práticas discursivas sobre as imagens ao invés da aprendizagem de uma técnica ou fazer manual. Para a cultura visual não há divisão entre a teoria e a prática, elas funcionam como um movimento único, e isto se amplia quando pensamos nas aulas de artes visuais, onde alguns conhecimentos de senso comum tendem a reforçar este binarismo (teoria = história da arte x prática = manualidades).

Assim, pontuo que estas conversas foram momentos muito ricos, onde as imagens além de serem disparadoras das discussões, atuaram como produtoras de subjetividades, pois em várias situações os próprios estudantes descobriram coisas que eram do seu gosto pessoal, e que antes não haviam pensado. Muitas questões me desacomodaram, que também dizem respeito às relações de afeto e subjetividades de alguns estudantes, compartilhadas através deste modo de trabalhar com as imagens.

Penso nas conversas que estabeleci, e aos poucos compreendo que não existem parâmetros para o que se refere ao olhar, olha-se com o corpo, com os afetos, com as memórias, com nossas subjetividades, e a partir delas também produzimos olhares, olhares singulares, olhares acasos, inusitados, estrangeiros, desnaturalizados.

Dos conceitos às conexões experienciadas

O conceito de imagem foi pensado, segundo Mitchell (2008), que nos interpela a olharmos para a relação das imagens com as pessoas, as coisas, os contextos, com a nossa vida e o modo como se presentifica no nosso cotidiano, na forma de compreensão social, sendo “mentais ou materiais, de arte ou da mídia, pois (a priori) as imagens são

usadas para projetar e controlar um futuro imediato e possível”. (Mitchell, 2008, p.15-16)

Nesse sentido, Mitchell (2008) propõe mudarmos a direção da pergunta, deslocarmos o questionamento da imagem em relação ao que ela indaga de cada indivíduo para o que ela quer dizer de cada um. Foi nesse sentido que intercorreram os diálogos, as questões eram lançadas e logo tomavam tom de conversa, quem estava como indagador conseguia inserir-se como parte do grupo, sem hierarquias. Num primeiro momento, problematizei a relação entre a percepção do ser e do ser visto, de como percebiam essa produção, a partir de que ou quem eu me vejo, me crio, faço, apresento.

O indagar, problematizar, questionar são necessários quando pensamos nesta outra aproximação com as imagens, e para que isso ocorresse fui usando roteiros, a fim de que não nos perdêssemos, porém o cuidado recaía em não usá-los de forma fixa, mas potencializar o diálogo, a flexibilidade que uma conversa proporciona. Durante o percurso me provi desses roteiros para tentar conduzir os diálogos de forma sutil, cautelosa e com envolvimento. Lancei problematizações ao passo que criei espaços para os vazios, momentos e oportunidades que por vezes foram se esvaindo por entre as brechas de uma conversa.

Talvez, considerando estas questões, a maior dificuldade que encontrei foi em não permitir que a problematização se tornasse polêmica, pois como afirma Foucault (1984) em entrevista, as relações distintas entre problematização e polêmica são limiares, dessa forma o cuidado é indispensável, “[...] a problematização não deve ser confundida com a polêmica, pois a polêmica é vista como uma ‘figura parasitária da discussão’ em que os ‘interlocutores não são incitados a avançar’” (1984, p.2). Não tentei convencer os estudantes sobre determinado ponto de vista, nem quis que se instaurassem debates entre ideias divergentes, mas que a problematização das imagens os desacomodasse, os fizessem pensar sobre a vida, compartilhar sobre seus pensamentos, suas escolhas e modos de ver.

Acostumamo-nos a participar de discussões que primem pelo binário, pelos juízos de gosto, pelo posicionar-se de modo a concordar ou discordar de algo, chegar a uma conclusão ou à uma verdade, através da “melhor” argumentação, o que não difere quando falamos das imagens, a aproximação mais cômoda é sempre da ordem do que está visível e enunciável na imagem, do belo ou do feio, do que me identifica ou não. Foucault (1984) nos diz que quando polemizamos uma discussão, provocamos esse tipo

de discurso, de análise, a aproximação com uma imagem, com um assunto acaba por permanecer na superficialidade do senso comum, dos conhecimentos já conhecidos. Trata-se da polêmica como uma espécie de castração,

[...] na polêmica ocorrem efeitos de esterilização: por acaso já se viu que, de alguma polêmica, tenha nascido uma ideia nova? (...). Há um aspecto mais grave: nesta comédia cultiva-se a guerra, a batalha, os aniquilamentos e os rendimentos sem condições. (1984, p. 2)

Como já citado, trato das questões relacionadas aos processos de subjetivação, entretanto, logo de início, não percebia estar na mesma posição dos estudantes, usava de certo distanciamento por pensar que esses processos ocorressem apenas com os estudantes, numa suposta neutralidade docente. Assim, para compreender o conceito de subjetivação, necessitei conhecer primeiro o conceito de subjetividade, pois um está conectado, entrelaçado ao outro,

A subjetividade é produzida no social, no encontro com o outro, nos atravessamentos e afetos nos quais os sujeitos são expostos ou participam, é provisória, pois sua produção é constante. Desta forma não a compreende-se mais como sendo algo da essência e sim dos encontros, gostos, desejos, modo de ser e estar no mundo. (Mansano, 2009, p. 111-112)

O processo de subjetivação ocorre de forma mais ampla, tratando da subjetividade no todo das relações. Segundo Guattari (2000), esses modos de subjetivação são produções estéticas e políticas dos sujeitos que não segregam dos agenciamentos coletivos sociais. São produções de existências, de vida, de organizações sociais, são processos de reinvenção constantes, mutantes, que não tratam de universalidades, de obrigatoriedades.

Seguindo a ideia desse processo é que me pus a pensar as produções no grupo de discentes da turma 83, da escola pública, que contava com 18 estudantes, sendo 16 deles frequentes, com idades entre 13 e 16 anos, sendo 7 meninos e 9 meninas. Minha inserção iniciou com uma dinâmica, denominada “teia”, onde dispus de um quadro, (tear) de madeira, para que essa teia fosse fixada e trabalhada durante os encontros. Minha intenção era que eles fossem anexando matérias, escritas, ideias, anotações e imagens, que lhes fossem pertinentes aos momentos e espaços que iríamos vivenciar no decorrer das aulas.

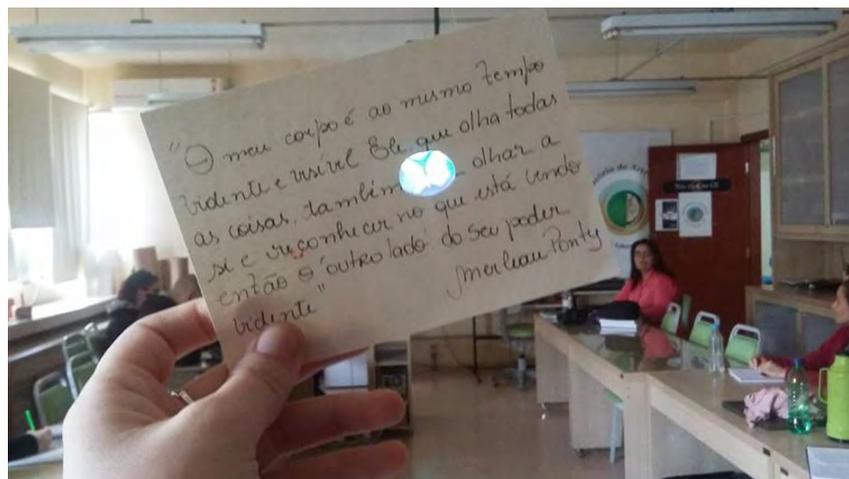


Figura 1: Pensar nas formas de ver.
Fonte: Arquivo Leticia Ravello

A teia foi construída na intenção de que percebessem que o próprio processo e subjetivação é uma construção coletiva, rizomática, de partilhas e de conexões entre diferentes pontos. Conforme as apresentações foram ocorrendo, fui falando sobre mim, e sobre meus objetivos, o tema de pesquisa e os conceitos principais do projeto de estágio, para nos conhecermos e começarmos a tratar da relação entre o modo de como nos vemos e de como somos vistos, da forma de perceber-se no espaço escolar.

A forma como decorreu a atividade, me desacomodou muito, *a priori* pensei que a timidez fosse a maior dificuldade dos estudantes, porém eles se demonstraram falantes, expondo seus pensamentos, trocando muitas informações. Percebi neles o gosto pela comunicação, pelo questionamento e por inquirir muitas respostas. Nestes discursos foi possível perceber também, a compreensão da imagem enquanto ilustração do que estava sendo verbalizado, certa necessidade de suprir uma possível expectativa e de contar uma narrativa de forma linear. A timidez esvaiu-se, porém o cuidado para se tornar compreensível e proferir o que a imagem representaria, foi latente.

Remeti-me a concepção de Mitchell, que sugere que questionemos as imagens em relação aos seus desejos ao invés de apenas olharmos a elas como instrumentos de poder ou significados. Neste sentido, tencionei essas concepções evidenciadas pelos estudantes e me propus a pensar junto a eles outras relações. Pensei e me coloquei dentre essas imagens, o que percebi nelas, o que havia delas em mim. Fui tramando ações com os conceitos que me propus operar.

Pensei também, nos modos de subjetivação e como estes são pouco trabalhados diante da representação das imagens, a busca pela significação, este modo de relação que predomina nos espaços educacionais, desde a alfabetização até outras etapas. Estas

questões, relações, me puseram a pensar no sujeito que pertence a sociedade e que é alfabetizada por elas, que se entrecruza cotidianamente com elas, sujeito produtor de subjetividades, e que desde muito cedo é treinado a banalizar seu olhar, decodificar as imagens.

Das propostas que me tocaram às que me feriram...

Na proposta que mencionei utilizar imagens das redes sociais, escolhi imagens que estivessem circulando na internet em um período próximo ao encontro, às levei a aula e cada sujeito ganhou uma. Ao observar a imagem, os estudantes deveriam responder a seguinte pergunta: “há nas imagens indicações de configurações sociais da maneira que deveriam comportar-se ou ser?” (Dalla Valle, 2012, p 183). A partir das respostas, houve o diálogo sobre as imagens e as relações do olhar de cada um que estava argumentando. Foi de grande valia perceber que não compreendiam o que significava “configurações sociais”, tampouco as “concepções sociais”, o grupo não compreendeu o conceito, e mesmo assim, trouxe na fala tudo o que caracterizava estes conceitos.

Fui repensando as propostas, a própria pergunta que ficou um tanto distante da linguagem juvenil, e desse novo olhar, olhar que faz pensar, angariei novos materiais para que então pudéssemos aos poucos movimentarmos-nos para sair dos juízos estéticos das imagens, para pensar a relação delas com as subjetividades, com o que não fosse da ordem do visível.



Figura 2: Propostas de trabalho
Fonte: Arquivo Pessoal

Utilizei as respostas que eles trouxeram referente a pergunta mobilizadora para começarmos a pensar nas concepções sociais, elenquei palavras afim de conceituar e compreender a definição de “concepções sociais”, mesmo que houvesse esse distanciamento inicial, percebi a necessidade de nortearmos o ponto que havia os inquietado. Cada estudante recebeu a sua palavra e a situou em uma tabela no quadro da sala de aula, eu os convidei a comentar sobre a palavra recebida e a falar se a mesma fazia parte de alguma forma de concepção social. Desta maneira, fomos desdobrando este conceito, e juntos, pontuando algumas formas naturalizadas com que percebíamos nossas relações cotidianas.

Nessas conversas percebi que ao falar de alguns temas, por estarem dispostos em grupos, eles ficaram mais seguros, defendendo seus pontos de vista. Quando os dividi em grupos de 4 integrantes, e os entreguei textos de reportagens de diferentes fontes, solicitei que a lessem e pensassem de que modo às relacionavam aos comportamentos sociais que estávamos conversando anteriormente. Ainda, problematizei se concordavam e se eles a reproduziam no seu dia a dia. Foram levantadas questões além do texto, relacionando com suas próprias ações, com o que víamos em redes sociais e na escola.

Após esse exercício pedi que eles criassem questionamentos acerca de cada texto para apresentar aos colegas, cada grupo produziu duas questões. No momento da apresentação deveríamos contar sobre o texto e logo lançar as questões e todos iriam respondendo, para que criássemos uma conversa. Fomos dialogando com aquelas imagens, repensamos o que elas queriam de nós, se elas queriam algo, por vezes confundimos com o que seus produtores queriam, recorremos ao questionamento e ao conceito de Mitchell (2015), para que pudéssemos sair desta zona do significado, para desfazermo-nos da ilustração, e tangenciamos essa relação, produzimos subjetividades, e continuamos a angariando encontros com as imagens.

Na sequência dos encontros dispus de textos acerca de linguagens artísticas contemporâneas, que tratassem de contextualizar historicamente os temas em debate, apresentando conceitos e artistas de âmbito internacional e nacional, para que discutissem e criassem trabalhos artístico sem cima das problematizações anteriores, com as devidas linguagens. Foram produzindo os trabalhos, de forma mais conceitual, sendo que ao final das produções houve um espaço para apresentações, onde cada grupo apresentou sua proposta e dialogou com o grande grupo.

Nestes espaços fui questionando acerca dos dados técnicos das obras, dos períodos e movimentos artísticos inseridos, e percebo que esses dados não foram respondidos, o que me surpreendeu e inquietou, porém um estudante mencionou não lembrar essas relações, mas sabia o que os fez produzir o objeto principal da instalação.¹ Assim fomos conversando sobre o corpo, sobre a forma de nos colocarmos frente ao outro, pensamos sobre as formas de nos produzirmos, o que nos incita a crer em certos padrões. Pensamos na desnaturalização do olhar, no modo que somos ensinados a receber e perceber tudo enquanto natural, logo, sem a possibilidade de modificar-se. Esse desnaturalizar o qual foi pensado e mencionado nesta escrita, não tratou apenas das imagens, mas de outras relações conectadas aos modos de ver e sermos vistos enquanto sujeitos produtores de vida, de cotidianos, de histórias, de resistências.

Assim, ao pensar no modo como nos produzimos subjetivamente diante das imagens, penso nos contributos da cultura visual, que se deu porque a mesma se propõe a tratar da diversidade de aproximações com um determinado objeto, signo, relações muito mais subjetivas, de práticas culturais e sociais do olhar, ainda segundo Raimundo Martins (2007), a proposição *“discute a imagem não apenas pelo seu valor estético, mas na busca da compreensão de seu papel social na cultura”*.

Trabalhar a partir dos estudos da cultura visual me possibilitou pensar e tencionar essas desnaturalizações, junto das propostas dos artistas contemporâneos, das linguagens da arte, e das visualidades retiradas de fontes corriqueiras como das redes sociais. Desta forma, criar brechas nesse modo naturalizado com que nossos olhares foram treinados. Assim sendo, minha escolha por tratar destes conceitos a partir dos estudos da cultura visual, é talvez por perceber nela possibilidades e potencialidades de distanciamento do dito “natural”, do ensino da arte pautado numa experimentação manual, propor outra forma de lidar com a materialidade numa aula de artes, pois nas atividades que compartilhei, forçamos nossos pensamentos a repensarmos generalizações, estereótipos, arquétipos e padrões visuais e conceituais.

Na sequência das apresentações dos estudantes, fui percebendo que os dados técnicos foram os menos importantes à eles, porém as questões que os levaram a essas produções estavam saltitando, inquerindo respostas, vívidas, inquietas e não podiam ser

1- Instalação artística é uma manifestação artística produzida por elementos organizados em um ambiente, contém caráter efêmero e conceitual.

sufocadas. Me permiti criar novas problematizações sobre as imagens, sobre as propostas, embebidas pelas concepções de Mitchell(2015). Pensei também na relação entre imagem e palavra, na forma com que se relacionam, na premissa equivocada de que uma sobrepõe/complementa à outra, e ainda no que de fato as imagens querem, se é serem interpretadas, decifradas, rompidas, contempladas, ou se não querem nada, apenas lembrarem à nós que façamos o que quisermos com elas, fazer com que esqueçamos o compromisso de entendê-las, contextualizá-las, para experimentá-las.

Possíveis considerações finais...

A partir desta proposição de desnaturalização do olhar é que tentei pensar na materialidade das aulas de artes visuais, nas imagens como modo de trabalhar a produção de subjetividades no contexto da escola. Essa relação que estabeleci entre o social e a escola, a partir das redes sociais, se deu também pela aproximação aos estudos da cultura visual, em considerá-la não somente “uma atitude e uma metodologia viva, mas um ponto de encontro entre o que seria um olhar cultural (visualidade) e as práticas de subjetividade que se vinculam” (Hernández, 2013, p.83).

Ao movimentarmos o olhar, com ele movimentamos corpos, pensamentos, diálogos, produzimos subjetividades. Mesmo percebendo que a produção visual não seguiu o percurso que vislumbrei, compreendi que reverberou outras questões, que essas produções subjetivas foram os possíveis novos olhares, foram as possibilidades de desnaturalizar, de desprender-se das preconcepções. “Uma proposta com e sobre imagens, pode ajudar a contextualizar os efeitos do olhar e, mediante práticas críticas, explorar as experiências, (efeitos, relações) em torno de como e o que vemos” (Hernández, 2013, p. 91) nos formata, nos apazigua, gera respostas induzidas, não produtivas, diante do efeito desse olhar direcionado.

Assim sendo, uma aula sob esse viés acontece nos encontros, no coletivo, nos processos de trocas e partilhas. Durante esse processo fui participante e mediadora, em muitos momentos cedi espaço aos sujeitos que compunham comigo o ambiente de estudo, nessas permutas de vozes, espaços e direcionamentos, fomos construindo vínculos, perdendo receios, descobrindo brechas que poderiam ser potencializadas e vazios que não se preenchiam. O papel do professor pode ir além de um ser transmissor, de um impositor de “conhecimentos”, dada que a escola adquiriu essa missão social.

A partir destas experiências, destas leituras teóricas, com esses ensaios sobre o olhar e as imagens, compreendi que as produções de fala, escrita, desenhos,

pensamentos são tão reais e possíveis quanto às manualidades, pois praticar arte não é apenas desenhar, pintar, esculpir, mas é considerar o espaço em que estamos inseridos, é tratar a arte através de diferentes linguagens, usando mídias, corpos, objetos, tintas e papéis, etc. A produção de arte é com o corpo, com a fala, com a escrita, com o olhar, com o possível desprovemento de senso comum, é alçar voo ao inesperado, é permitir-se produções de vida, de resistências, de permuta contínua.

Referências:

DALLA VALLE, L. **Miradas y direccionalidades en el cine en torno a los sentidos de ser docente**: una investigación narrativa desde la educación de la cultura visual. 2012, 433 f. Tese de Doutorado (Doutorado em arte e educação) - Universitat de Barcelona. Barcelona, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Polêmica, política e problematização**. Entrevista disponibilizada em maio de 1984, na internet. Disponível em: http://websmed.portoalegre.rs.gov.br/escolas/quintana/polemica_politica_problematiz.htm
Acesso em 13 de fevereiro de 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Ed. Paz & Terra. 2014.

GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Ed. 34. 2000.

HERNÁNDEZ, Fernando. Pesquisar com imagens, pesquisar sobre imagens: revelar aquilo que permanece invisível nas pedagogias da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). **Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação**. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2013, pp. 77-96.

MANSANO, Sonia Regina Vagas. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de Psicologia** da UNESP, 8(2). 2009.

MITCHELL, J. T. W. **Four fundamental concepts of image science**. In: ELKINS, J. (org.). *Visual literacy*. New York: Routledge, 2008.

MITCHELL, W.J.T. **O que as imagens realmente querem?** In: ALLOA, E. (Org.) *Pensar a Imagem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. pp.165 -189.

MARTINS, Raimundo (org.). **Visualidade e educação**. Goiania: Funape, 2008.